



A eternidade dentro de você

A cada minuto de nossa vida, podemos ter uma ideia ou uma atitude capazes de definir a maneira como seremos lembrados no futuro. Ideias, paixões e aspirações fazem parte do enorme conjunto de energias que conseguimos manipular por meio de nossa vontade ao longo da existência. E somente através do que conseguimos realizar e do que nossas atitudes conseguem produzir é que seremos lembrados pelas gerações futuras.

Muitas vezes queremos fazer alguma coisa, queremos ser úteis de alguma forma, mas não sabemos por onde começar. Era assim que eu me sentia ao completar 18 anos. Frequentar uma faculdade, trocar de emprego, aprender a dirigir, ser útil à minha família, arrumar uma namorada, aprender outros idiomas e conhecer o mundo – eram algumas ideias e aspirações que passavam pela minha mente naquela época.

Iniciava-se a década de 1980 e era impossível não perceber que em vários lugares do mundo gente rica e famosa morria a cada mês em consequência de duas causas cujos nomes eram então desconhecidos: uma delas chamava-se *aids* e a outra, *overdose*. Ambas dizimavam ídolos da música, do cinema, do teatro, das artes e da TV com velocidade e inclemência assustadoras.

Eu via tudo aquilo acontecendo e, na medida em que pesquisei, consegui entender que overdose era o nome que se dava quando uma pessoa ingeria alta carga de toxinas químicas – cocaína, heroína, anfetaminas, LSD, álcool e outros entorpecentes – a ponto de as defesas do seu organismo ficarem saturadas. A vítima de uma

overdose raramente escapava da morte, e através desse tipo meio disfarçado de suicídio é que o mundo perdeu a genialidade de Jimmy Hendrix, a sensibilidade de Janis Joplin e o talento de tantos outros artistas consagrados. Naquela época, há 30 anos, a palavra *crack* não significava nada além de “quebrar” no idioma inglês. O entorpecente que hoje leva esse nome surgiu mais de dez anos depois.

Já a *aids* resultava de um vírus de desenvolvimento rápido, principalmente em ambientes de promiscuidade e de prática sexual irresponsável. Ela se espalhava velozmente pelo mundo no sangue contaminado dos viciados em entorpecentes, dos sexualmente promíscuos e dos infectados que doavam sangue.

Doar sangue sempre foi uma atitude nobre, mas muitos acabaram infectados com o vírus da *aids* (chamado HIV) por receber sangue de gente que já estava contaminada e ainda não sabia (na época, ignorava-se que o vírus podia levar até três anos para se manifestar no organismo, graças à chamada “janela imunológica”).

Nada pior do que uma pessoa estar doente, precisar de sangue saudável para sarar e aí receber sangue contaminado. Iniciava o processo com uma doença e passava então a sofrer também de outra. Absurdo, mas aconteceu! E muito!

Dentro dessa realidade, eu percebi que podia doar

sangue: eu não me interessava por drogas nem tinha vida sexual irresponsável; além disso, minhas condições de saúde eram ótimas.

Isso faz 30 anos! Nesse período, foram mais de 100 doações, mais de 3 doações por ano em média. Mais de 40 litros de meu sangue estão por aí passeando no organismo de outras pessoas. Espero ter ajudado cada uma delas. Espero ter condições de fazer ainda pelo menos outras 100 doações voluntárias e anônimas antes de me aposentar dos postos de coleta dos hemocentros. Afinal, solidariedade e empatia fazem bem para quem está nos dois lados do balcão: para quem dá e para quem recebe.

Graças ao sangue de um doador anônimo, minha mãe conseguiu superar uma fase crítica do seu tratamento de câncer. Como doador voluntário ao longo dos últimos 30 anos, espero também ter conseguido ajudar muitas mães e muitos filhos a superar momentos difíceis. E é possível que, no futuro, eu seja igualmente beneficiado pelo gesto de boa vontade de um doador anônimo.

A cada dia, mais transplantes de órgãos, mais tratamentos de quimioterapia e mais cirurgias gerais estão

sendo feitos e o sangue humano é necessário em cada um desses procedimentos. Os componentes do sangue (plaquetas, plasma e hemoglobina, entre outros) são decisivos para a recuperação da saúde de muita gente.

Minha intenção com esta breve confissão é que ela acabe inspirando boas ideias e atitudes nas pessoas que estão hoje se preparando para ser o futuro do Brasil.

É fácil ser solidário. Lembremos que é sempre mais fácil fazer rir do que deixar chorar. Doar sangue é simples, não dói e faz um bem enorme! Doar sangue, doar um bom pensamento ou doar um momento de carinho fazem parte daquele conjunto de atitudes que nos servem como lentes de aumento e que nos permitem enxergar pedacinhos da eternidade dentro de nós.

Parabéns para você que pode abrir os olhos e ver a luz do Sol; muitos gostariam de fazer isso, mas não conseguem porque não podem ver. Parabéns para você que pode levantar-se e andar quando quer; muitos gostariam de fazer isso, mas não conseguem porque estão imobilizados em uma cama.

Doar os olhos ou as pernas é muito mais difícil do que doar sangue. E o gesto de doar um pouco do próprio sangue pode fazer um grande bem para a vida de muita gente.

Pense nisso!

Paulo Malerbi Expositor da Área de Ensino (Educação Evangélica e Mediúnica), Expositor da Área de Assistência Espiritual e Coordenador da equipe de expositores de 4ª feira (noturno) da Seara Bendita.

